

- **China será capaz de manter a trajetória de crescimento global diante de crise dos EUA?**
- **Artigo especial: Marcelo Nonnenberg avalia a sustentabilidade do crescimento acelerado da economia chinesa**
- **Nova etapa de investimentos chineses é iniciada**
- **Aumento da renda da população ajuda a explicar suposta bolha do mercado imobiliário chinês**
- **China faz contagem regressiva para sediar XXIX Jogos Olímpicos**
- **O dilema da qualidade das exportações chinesas tem raiz nas firmas clandestinas do interior**
- **Dragonomics: protecionismo contra “investimentos indesejáveis” chineses terá impactos mais graves do que defesa comercial**
- **Secretário do tesouro americano visita China**

Economia internacional

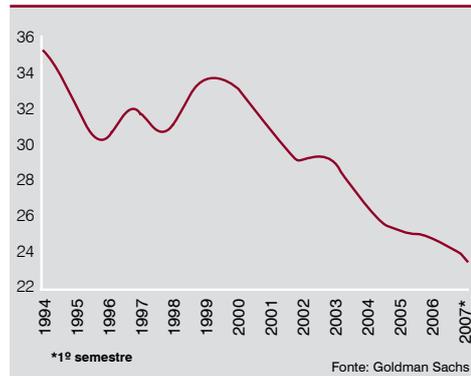
Cenários para a China diante da turbulência atual

Diante da turbulência dos mercados internacionais gerada a partir da crise imobiliária dos Estados Unidos da América (EUA) e do início de possível crise econômica internacional provocada pela redução do poder de compra da classe média norte-americana e do desaquecimento de sua economia, todos os olhos se voltam neste momento para a China. Duas perguntas tornaram-se freqüentes e essenciais: uma crise nos EUA poderá comprometer o crescimento da economia da China e poderá a China substituir os EUA como motor da economia mundial?

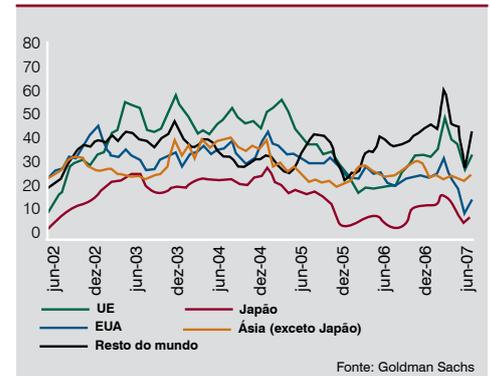
Primeiramente, é necessário analisar a importância dos EUA para o crescimento da economia chinesa, ou seja, avaliar o quanto a produção chinesa ainda é dependente das compras norte-americanas. Não se pode negar a importância dos EUA para a economia global e o seu papel de motor propulsor, uma vez que as compras realizadas pela classe consumidora dos EUA representam 20% do consumo global. No entanto, a dependência mundial sobre o mercado norte-americano está em pleno processo de redução, os EUA continuam representando o principal destino das exportações de diversos países no mundo, mas sua participação no total exportado está em queda.

No caso China o mesmo vem acontecendo, os EUA eram responsáveis por 34% das vendas internacionais chinesas em 2001 e, em 2007, o mercado norte-americano comprou cerca de 21% do total exportado pela China. Mesmo ainda representando o principal destino das exportações chinesas, esse cenário reflete a intensa busca dos governantes para diversificar os mercados consumidores de seus produtos. Hoje, o destino cuja participação nas vendas totais chinesas mais cresce rapidamente são justamente os mercados não tradicionais (incluindo América Latina e África), superando o ritmo de crescimento das vendas para os EUA, União Européia, Japão e demais parceiros da Ásia.

Exportações chinesas para os EUA Participação (%) no total exportado



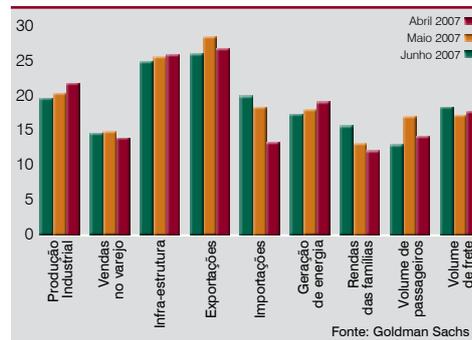
Destino das exportações chinesas – Var. (%) anual



No entanto, um ponto que não pode ser esquecido é o impacto do desaquecimento norte-americano para as demais economias do globo. Ainda que se entenda que a economia chinesa já não é tão dependente da economia dos EUA, o desaquecimento norte-americano poderá resultar em desaquecimento dos demais países ou a China terá força suficiente para manter a economia global em ascensão? A questão central é exatamente analisar se a China já pode assumir o papel até hoje exercido pelos EUA e se sua demanda será suficiente para manter as demais economias aquecidas.

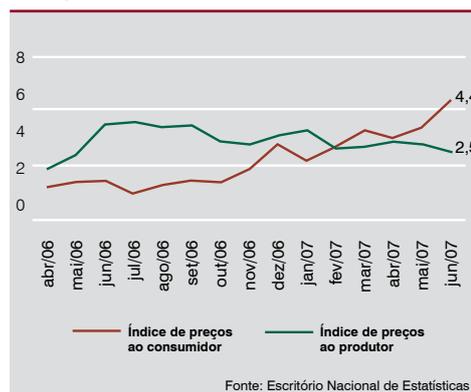
Adicionalmente, deve também ser levado em consideração que as exportações já não representam isoladamente o elemento principal do crescimento econômico chinês. Ainda que seja previsto para 2007 saldo comercial de US\$ 320 bilhões e volumes recordes de importação e exportação, os investimentos em infra-estrutura e o consumo doméstico são importantes pilares da economia chinesa e suficientes para manter a trajetória de crescimento da economia.

Crescimento setorial – Var. (%) anual

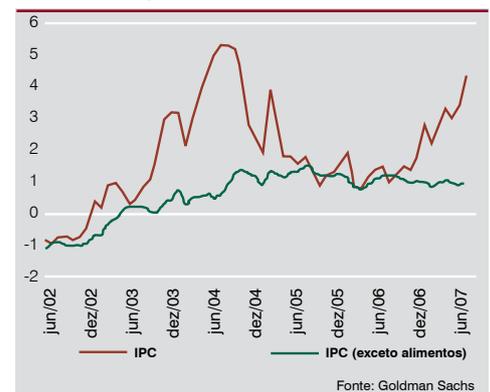


Ademais, o mercado consumidor chinês está em pleno crescimento, os aumentos sucessivos de salários na China, em torno de 10 a 15% ao ano, resultam no crescimento da demanda doméstica que já começa a impactar na demanda interna por alimentos, além de pressionar o índice de preços ao consumidor na China. A força da demanda doméstica foi suficiente para que pela primeira vez em cinco anos o IPC estivesse acima do índice de preços ao produtor (IPP), demonstrando que os salários estão crescendo mais do que a produtividade da economia chinesa.

Inflação – Var. (%) anual



Índice de preços ao consumidor – Var. (%) anual



Quanto à segunda pergunta – se a China já possui força para substituir os EUA como motor da economia mundial – deve ser levado em consideração que a China ocupa a posição de segundo maior parceiro comercial de diversos países do globo, incluindo o Brasil e outros da América Latina. A China foi responsável por 50% do incremento da demanda global de *commodities*. No entanto, seu mercado consumidor ainda está muito longe do poder de compra do mercado consumidor norte-americano, hoje equivalente a 5% do mercado dos EUA, mas seu potencial de crescimento nos próximos anos é enorme.

A análise da exposição dos bancos chineses nos famosos papéis *subprime* parece ser muito menos relevante do que a avaliação sobre liquidez das reservas chinesas caso uma crise séria se concretize nos EUA. Vale lembrar que atualmente cerca de 75% das reservas da China é investida em títulos do tesouro norte-americano. Qual será o impacto desta perda de liquidez das reservas chinesas caso os EUA entrem em forte crise?

Finalmente, ainda que a dependência chinesa dos EUA esteja em evidente processo de redução, a China ainda não está totalmente imune a uma forte crise nos EUA. Caso a atual turbulência provoque forte crise e redução da capacidade de compras da classe consumidora norte-americana, esta resultará em redução do ritmo de crescimento da economia chinesa, muito provavelmente a patamar não inferior a 8% ao ano. No entanto, a crise, caso ocorra, não será capaz de alterar a rota de crescimento da economia da China, que se manterá por muito tempo.

Artigo especial

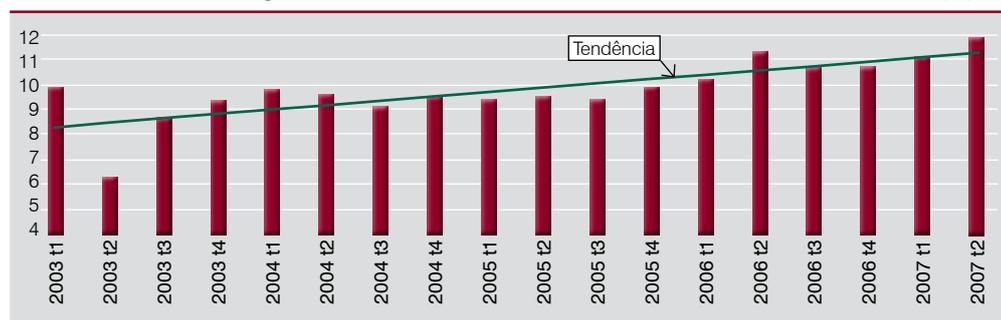
Poderá a China manter seu ritmo de crescimento por muito tempo?

Marcelo José Braga Nonnenberg¹

O crescimento real do PIB da China no segundo trimestre do ano foi de 11,9% com relação ao mesmo período de 2006, superior aos 11,1% obtidos no trimestre anterior. Recente relatório do NDRC (equivalente ao Ministério do Planejamento) prevê crescimento de 11,4% para o terceiro trimestre do ano. O crescimento da economia continua sendo liderado pela indústria, que cresceu 18,4% no primeiro semestre do ano, em termos nominais, ou cerca de 15% em termos reais. Esse ritmo representa uma aceleração com relação às taxas observadas nos 10 últimos anos, quando a China cresceu cerca de 9,2% ao ano. Um dos principais responsáveis pelo forte dinamismo recente da economia chinesa é o comportamento das exportações, que cresceram 26,7% em dólares no primeiro semestre, na comparação com igual período de 2006.

Gráfico 1

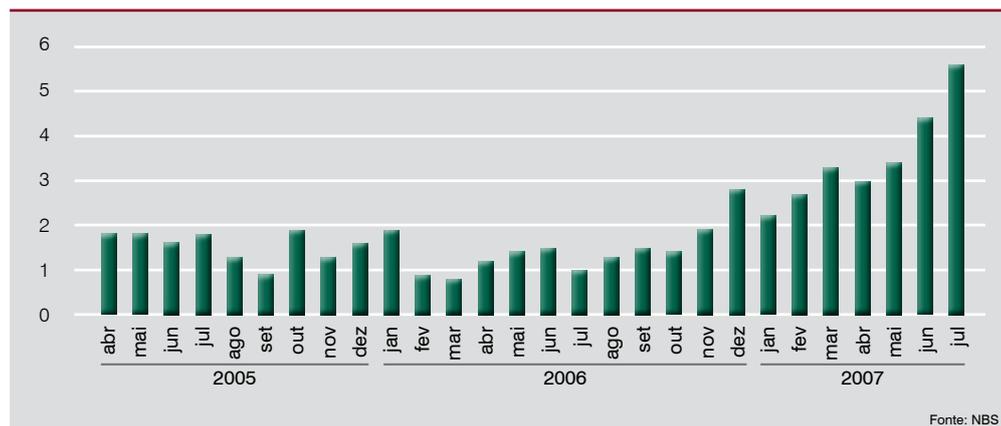
China – taxas de variação real do PIB – sobre o mesmo trimestre do ano anterior (%)



Entretanto, esse dinamismo vem gerando preocupações quanto à sua sustentabilidade. A inflação vem se acelerando fortemente desde o final de 2006, atingindo 5,6% (medida pelos preços ao consumidor) sobre o mesmo mês do ano anterior, em julho, como se nota no Gráfico 2. Nos últimos meses, boa parte da inflação foi devida aos preços dos alimentos, em especial, carnes. Excluindo-se os preços de alimentos e energia, os preços ao consumidor elevaram-se apenas 0,7% no primeiro semestre. No entanto, o próprio NDRC já anunciou que está planejando uma reforma do sistema de preços administrados, que poderá resultar em uma onda de aumentos nesse segmento.

¹Marcelo José Braga Nonnenberg é mestre em economia pela UnB, doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e técnico do Grupo de Acompanhamento Conjuntural do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.

Preços ao consumidor – taxa de variação sobre o mesmo mês do ano anterior (%)



O aumento das pressões inflacionárias poderá ter como resultado, portanto, um maior aperto da política monetária. Entretanto, dados os atuais níveis de inflação, as taxas básicas de juros para depósitos estão negativas, tornando necessário elevá-las fortemente de forma a conter a inflação de forma efetiva. Adicionalmente, o Banco Central poderia elevar mais uma vez as reservas compulsórias dos bancos comerciais.

Algumas medidas adicionais poderão, talvez, reduzir levemente o ritmo de crescimento. Entre elas estão restrições recentes impostas pelos governos locais a indústrias fortemente poluentes e a redução de benefícios fiscais concedidos aos exportadores, que entrou em vigor no segundo semestre.

A verdade, entretanto, é que a China ainda tem potencial para continuar crescendo rapidamente por bastante tempo. Pelo lado da oferta, a única restrição visível é uma elevação muito forte dos preços das *commodities*. Porém, a capacidade ociosa industrial é muito elevada, e a capacidade de produção deverá continuar a crescer a um forte ritmo. A existência de um grande contingente de trabalhadores no campo permite elevar a demanda por mão-de-obra por longo tempo sem pressões adicionais sobre o custo do trabalho. Pelo lado da demanda, a situação relativamente folgada das contas públicas viabiliza, caso necessário, um aumento de gastos em educação, saúde e previdência, que teria como resultado uma redução da poupança e uma elevação do consumo das famílias.

Além disso, a elevação das exportações vem sendo conquistada com base em ganhos permanentes de competitividade, com aumento do conteúdo de conhecimento e elevação do valor agregado na China. Em outras palavras, o aumento das exportações chinesas vem causando um aprofundamento doméstico da cadeia mundial de fornecedores – além de aumentar a produção de firmas locais –, o que resulta num aumento proporcionalmente maior da produção e do valor adicionado.

No processo, a qualidade dos produtos chineses vem aumentando progressivamente, a tal ponto que as exportações de partes e componentes de auto-veículos, por exemplo, inclusive para os Estados Unidos e Europa, superaram suas importações pela primeira vez no ano passado. A Volkswagen e a Daimler já anunciaram que irão aumentar ainda mais suas compras de componentes fabricados na China. Ao mesmo tempo, a China está quase superando a Alemanha como terceiro maior produtor mundial de automóveis.

Todos esses fatores indicam que a China ainda poderá continuar crescendo ao ritmo atual por algum tempo, mesmo que a elevação da inflação obrigue o governo a adotar medidas de contenção da demanda. Nesse caso, a taxa de crescimento poderia cair um pouco, mas ficaria na média registrada nos últimos 28 anos.

Entretanto, há um elemento que poderá constituir um entrave importante ao crescimento da economia chinesa. A crise que vem afetando as bolsas de valores no mundo inteiro desde julho poderá provocar abalos na atividade econômica global

de magnitude impossível de determinar no momento. Por enquanto, ainda é cedo para se imaginar sua duração e intensidade. Contudo, há uma alta probabilidade de que a crise continue se aprofundando, reduzindo a riqueza das famílias européias e norte-americanas e, em consequência, afetando negativamente seu consumo. Nesse caso, as importações desses países se reduziriam, impactando as exportações de seus parceiros, numa bola de neve em escala global.

Nos últimos 20 anos, as exportações chinesas cresceram sobremaneira para a Europa, os Estados Unidos e o Canadá. Portanto, a redução de suas importações afetaria diretamente a China, que, como visto, teve, no aumento de suas exportações, um dos motores para seu crescimento. Porém, não se deve esperar, mesmo no pior cenário, uma recessão forte e prolongada. Portanto, na pior das hipóteses, o ritmo de crescimento da China seria afetado, mas ainda permaneceria relativamente elevado. Boa notícia para os países em desenvolvimento.

Investimentos

China adota nova estratégia para investir internacionalmente

Não faz muito tempo que a China National Offshore Oil Corporation (CNOOC) fez proposta bilionária para a aquisição da petrolífera californiana UNOCAL. Foram oferecidos US\$ 18,4 bilhões pela oitava maior produtora de petróleo e gás dos Estados Unidos. A negociação, porém, terminou em frustração para ambos os lados: a CNOOC foi obrigada a retirar sua proposta após reclamações do congresso norte-americano.

Dois anos se passaram e a estratégia chinesa de inserção no mercado financeiro internacional foi renovada. O banco de fomento China Development Bank (CDB) anunciou investimento de US\$ 13,5 bilhões no britânico Barclays, o que foi avaliado como a maior transação além-mar já realizada por uma empresa chinesa. Os ativos chineses serão utilizados para compor a linha de financiamento para a possível compra do banco holandês ABN AMRO.

A tática agora é comprar participações minoritárias ao invés de apostar na aquisição integral de empresas estrangeiras. Esse foi igualmente o caso da compra de participação avaliada em US\$ 3 bilhões da consultoria financeira Blackstone pela China State Investment Co, em maio último. Tais negócios são o mais recente reflexo da necessidade chinesa de reciclar o excepcional volume de reservas internacionais, na casa de US\$ 1,3 trilhão.

Para a China, o objetivo declarado de internacionalizar seus ativos é aumentar o retorno de seus investimentos e, acima de tudo, diversificar suas reservas, atualmente a maior parte canalizada em títulos do tesouro norte-americano. Os gestores de política monetária do país também precisam encontrar maneiras de gastar dinheiro no exterior a fim de ajudar a manter o renminbi competitivo.

Dado o atual estágio do *know-how* corporativo chinês, analistas ocidentais acreditam que a ausência de poder decisório nas empresas investidas pode ser benéfica no curto prazo. Muitas empresas chinesas ainda não assimilaram os modernos esquemas de gestão e podem não se adaptar automaticamente à administração de empresas ocidentais. Também se espera que o envolvimento acionário em bancos e corporações financeiras estrangeiras possa ajudar a China a modernizar suas próprias instituições financeiras, conhecidas pela concessão de empréstimos pouco criteriosos aos clientes nacionais.

As aquisições realizadas pela China têm acirrado o debate acerca da soberania dos investimentos no sistema financeiro internacional. Na União Européia, está sendo discutida a criação de um órgão similar ao Comitê sobre Investimento Estrangeiro dos Estados Unidos, que avalia os investimentos a serem realizados por estrangeiros em instituições norte-americanas. Talvez não seja à toa que o Barclays e o ABN AMRO sejam bancos justamente dos dois países (Inglaterra e Holanda) economicamente mais liberais da Europa. Além do acirramento do nacionalismo econômico, o China Development Bank também enfrenta uma imagem negativa perante a comunidade internacional: o banco é responsável por financiar o projeto da represa de Três Gargantas, ambientalmente questionável, e o fundo de investimento de US\$ 5 bilhões na África, um projeto que tem sido firmemente criticado por questões políticas e sociais tanto por governos da Europa quanto pelos Estados Unidos.

Leia mais na
Carta da China 29

Apesar do cenário internacional pouco amigável, a tendência é de que a China continue buscando diversificar suas reservas. O montante investido até agora, no entanto, ainda é muito modesto se comparável ao crescimento das reservas à taxa de US\$ 20 bilhões mensais. Caso a China incrementasse tais investimentos, é bastante possível que críticas à condução econômica do país não remetam exclusivamente à desvalorização de sua moeda, mas abarquem também a utilização de suas expressivas reservas para a compra de empresas no ocidente.

Mercado imobiliário

Bolha especulativa não representa preocupação imediata, dizem analistas

Tema recorrente na imprensa internacional e chinesa, a especulação imobiliária que avança na China tem sido motivo de preocupação crescente entre analistas e investidores. Entretanto, análises deste quadro feitas pelo Economist Intelligence Unit (EIU) e pelo China Economic Quarterly (CEQ) indicam que a suposta bolha imobiliária reflete a demanda crescente por imóveis decorrente do aumento da remuneração média dos trabalhadores, a abundante liquidez na economia e o aprimoramento de projetos residenciais – todos elementos característicos do acelerado crescimento econômico chinês.

A explosão da demanda tem impulsionado a alta dos preços no mercado imobiliário local e tem garantido importante liquidez no setor. No acumulado dos últimos cinco anos, o preço da moradia na China aumentou em média 30% e desde que o governo chinês passou a leiloar o direito de uso sobre a terra, em 2004, a valorização média das ofertas iniciais tem sido de 20% na maior parte dos terrenos urbanos.

Rentáveis, os empreendimentos imobiliários têm atraído volume cada vez maior de investidores. No primeiro semestre de 2007, o setor recebeu cerca de US\$ 130,6 bilhões em investimentos, crescimento de 28,5% em relação ao mesmo intervalo do ano anterior. A participação de capital estrangeiro também registrou aumento significativo no período, de 68,7%. Cerca de 25% do investimento estrangeiro total realizado no país teve como destino o mercado de imóveis no primeiro semestre de 2007, indicam dados da CEQ.

Contudo, estatísticas governamentais demonstram que nos últimos anos a moradia em grandes cidades chinesas, como Pequim, Guangzhou e Shenzhen, teria se tornado relativamente mais barata, uma vez que a renda per capita média chinesa tem crescido de forma mais acelerada do que os preços de propriedades urbanas. Dessa forma, apesar do encarecimento dos imóveis, eles permanecem acessíveis à maior parte da população das cidades.

Índice de acesso à moradia em cidades da China

Cidades	1999	2002	2005
Xangai	6,6	7,0	8,4
Pequim	12,2	8,4	8,1
Tianjin	6,7	6,2	7,4
Média entre 35 cidades	7,7	7,1	6,9
Wuhan	6,5	5,7	6,4
Chengdu	5,3	5,0	5,9
Chengsha	5,0	4,4	3,9

1. Para efeitos de cálculo, foram utilizados preço médio de uma residência de 70m² e renda média de uma família de três pessoas. Pelos critérios do Banco Mundial, o preço de uma residência média deve ser de 3 a 6 vezes superior à renda média familiar anual.

Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas

Especialistas do EIU afirmam que não há razão para alarde imediato, embora reconheçam que o superaquecimento do setor poderia provocar estragos significativos na vida social visto que, segundo a CEQ, cerca de 80% da população é proprietária de seu imóvel (ou passará formalmente a sê-lo após a promulgação da Lei de Propriedade, em 10 de outubro próximo), um índice que nos Estados Unidos é de 69%. Contudo, diante de eventual cenário de crise, ao menos a parcela da população chinesa que contraiu hipotecas é reduzida – menos da metade dos cidadãos proprietários de imóveis. A maior parte das moradias foi adquirida antes da década de 90, quando o preço dos empreendimentos imobiliários não flutuava conforme o mercado e os compradores obtinham crédito facilitado por meio de empresas estatais.

Pesquisa elaborada pelo Escritório Nacional de Estatísticas em 2005 aponta que mesmo indivíduos que contraíram empréstimos para adquirirem propriedades não tinham parte relevante de seu orçamento comprometido com os pagamentos, sendo, portanto, uma dívida sustentável. Segundo a CEQ, as políticas de pagamento facilitado e a valorização do imóvel contribuem para um panorama estável.

Entretanto, a valorização de empreendimentos e terrenos tem sido motor de várias manifestações sociais – ou “incidentes de massa”, conforme noticiados pela imprensa chinesa –, sobretudo na zona rural. As razões são as indenizações insuficientes pagas aos camponeses que tiveram suas terras desapropriadas e a corrupção gerada por autoridades governamentais locais.

O governo admite que o processo de industrialização e urbanização precisa ser controlado de forma a evitar o comprometimento da produção agrícola, e afirma que este é um dos principais desafios do 17º Congresso Nacional do Partido Comunista, que ocorrerá em outubro. A previsão é de que mais sete milhões de hectares de área cultivável sejam perdidos nos próximos anos – desde 1997, já são oito milhões de hectares comprometidos.

Como no caso da implementação de medidas para o desaquecimento da economia, autoridades locais são grandes obstáculos às políticas de contenção da especulação no mercado imobiliário. Cerca de 70% da receita dos governos locais advém da venda de propriedades. Apesar da desobediência das províncias, desde o auge da valorização imobiliária, ocorrida em 2004, o governo central tem conseguido conter com relativo sucesso o avanço dos preços. Analistas do setor afirmam que se não fosse pela adoção de medidas administrativas (como limitar o tamanho de novos complexos residenciais para evitar que moradias de luxo e mais caras fossem construídas) e pelo recolhimento de impostos sobre operações de venda e sobre valorização de propriedades, o cenário seria significativamente pior.

Em uma economia que registra crescimento anual do PIB superior a 8% desde 2000, a aparente bolha imobiliária não parece oferecer perigo imediato. A queda de aproximadamente 25% da razão entre o preço de imóveis residenciais e a renda disponível de cidadãos chineses, registrada desde 1999, é um desses indícios. No entanto, apesar de não alarmantes, os dados camuflam uma realidade perigosa: a desigualdade social crescente no país. Ainda que não seja possível falar de crise imediata, a ineficácia de políticas públicas de habitação de baixo custo, aliada à intensificação da especulação, deve agravar o problema para as classes mais baixas com agilidade.

Olimpíadas

China faz contagem regressiva para sediar XXIX Jogos Olímpicos

Em 8 de agosto, Pequim iniciou, na Praça da Paz Celestial, sua contagem regressiva de um ano para o início das Olimpíadas. Marcado por representações folclóricas do país e queima de fogos, o evento contou com a presença de cerca de 10 mil pessoas, entre representantes de delegações de todos os países e do Comitê Olímpico Internacional (COI) e de Organização dos XXIX Jogos Olímpicos de Pequim (BOCOG, em inglês).

A cerimônia de abertura, agendada para ocorrer às 08h08 da noite de 08/08/08, foi marcada de acordo com a superstição chinesa sobre o número, sinal de sorte e prosperidade. Meteorologistas estão preparados para a utilização de mísseis semeadores de nuvens, de forma a impedir que chova na comemoração, que ocorrerá no Estádio Nacional, conhecido como “Ninho de Pássaros”. O encerramento do evento também ocorrerá no Estádio, o qual se espera que seja o mais bonito e moderno entre os locais de competição. Outro destaque será o “Cubo d’Água”, prédio do Centro Nacional de Natação cujo projeto simula bolhas de água.

O slogan dos Jogos de Pequim “Um Mundo, Um Sonho” está causando diferentes reações em todo o mundo por contradizer a imagem tradicional de uma China onde vigora o regime de partido único e que viola os direitos humanos e restringe a liberdade de imprensa. Todavia, o país quer aproveitar a chance de ser foco internacional para tentar demonstrar ao mundo que a imagem autoritária é parte de seu passado.

Transformações e impactos na capital – São esperados inúmeros impactos na rotina de Pequim. Dois milhões de pessoas deverão passar pela cidade nos 16 dias de Jogos, e terão impacto importante sobre o setor de serviços. Os valores de diárias de alguns hotéis de Pequim subiram até oito vezes, passando de US\$ 32 para US\$ 265. Autoridades de turismo da área afirmam que só intervirão nos preços em casos extremos.

No entanto, os preços das propriedades na cidade estão seguindo tendência similar. Entre junho de 2004 e de 2007, o preço de venda de uma propriedade residencial em Pequim cresceu 161%, e o metro quadrado tornou-se 47% maior do que em Xangai. É possível que as Olimpíadas provoquem um crescimento contínuo desses preços mesmo no período pós-Olimpíadas, como ocorreu na Austrália.

O BOCOG e o governo já divulgaram algumas mudanças para a cidade, a fim de facilitar o convívio entre turistas, atletas (cerca de 20 mil) e cidadãos de Pequim. A fim de tentar aliviar o tráfego durante o evento, foram criadas seis novas linhas de metrô, um sistema *light-rail* de 26 milhas e um terceiro terminal e pista de decolagem no aeroporto. Uma equipe de 20 mil pessoas será treinada para ordenar o trânsito de forma a auxiliar os 250 mil guardas já existentes.

Foram retirados de circulação em torno de 65 mil táxis e ônibus antigos, e subúrbios ao redor de Pequim foram demolidos no intuito de melhorar o aspecto físico ao redor das competições olímpicas. As demolições estão nos planos da cidade desde 2005, quando foi anunciada a intenção de transformar os subúrbios, locais mais humildes e, conseqüentemente, mais baratos em outras cidades. Contudo, com a proximidade dos Jogos, o governo tem apressado suas ações. Até o final de 2007, deseja-se revitalizar 171 vilas urbanas – complexos onde habitam trabalhadores e população de baixa renda em geral. Cerca de 110 dessas vilas já passaram pelo processo entre 2005 e 2006.

As obras em Pequim, reconhecidas por sua grandiosidade, somam 37 instalações, das quais 15 estão sendo construídas apenas para os Jogos e as restantes passam por reformas. De acordo com o BOCOG, todas as obras estão dentro do cronograma e, à exceção do Estádio Nacional, ficarão prontas até o final de 2007. O “Ninho de Pássaros”, orçado em US\$ 3,9 bilhões, tem previsão de ser concluído até março de 2008. Os investimentos totais em infra-estrutura chegam a US\$ 40 bilhões. Além da verba de infra-estrutura, Pequim direcionou outros US\$ 2,1 bilhões para a parte administrativa.

O grande número de candidaturas para voluntários nas Olimpíadas chamou a atenção, dado que totalizou cerca de 560 mil inscritos. Apenas cem mil serão selecionados para auxiliar no evento, quase o dobro do total de voluntários dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Em relação ao número de inscritos, a diferença aumenta ainda mais – os Jogos de 2004 tiveram apenas 160 mil inscritos.

Pequim foi escolhida como sede dos XXIX Jogos Olímpicos em julho de 2001, deixando Istambul como segunda colocada. A cidade chinesa já havia se candidatado, mas perdeu por apenas dois votos para Sydney, em 2000. É a quinta vez que o continente asiático acolhe a edição das Olimpíadas desde sua criação, em 1896.

Meio ambiente – Primeira colocada entre os maiores poluidores do mundo, a China é constantemente criticada por sua falta de atenção a questões relacionadas à poluição. Na cerimônia oficial de contagem regressiva para o início do evento, o presidente do COI, Jacques Rogge, afirmou que caso as iniciativas tomadas pela organização dos Jogos não sejam eficazes, há a possibilidade de adiamento ou de transferência de algumas provas para outras áreas devido aos malefícios que a poluição pode causar nos atletas que participam de competições ao ar livre. Algumas delegações, como a australiana, pretendem permanecer na capital apenas o tempo necessário, como forma de evitar que a má qualidade do ar atrapalhe o rendimento dos atletas.

Por outro lado, os organizadores demonstraram intenção de gastar cerca de US\$ 10 bilhões em projetos no evento, ao qual intitularam “Olimpíadas Verdes”, com a criação de anéis de árvores (que já começaram a ser implantados), maior rigidez nos padrões de emissões de gases poluentes e com a inauguração de novos parques. Um teste para rodízio de carros vigorou entre 17 e 20 de agosto, de forma a diminuir a quantidade de automóveis em circulação na cidade. Cerca de 1 milhão de veículos particulares foram obrigados a permanecer parados em cada dia, alternando o total

de 3 milhões. A qualidade do ar foi monitorada durante os quatro dias de teste e, de acordo com autoridades, a iniciativa foi bem-sucedida. Ainda que fatores naturais, como a umidade, tenham impedido a dispersão do ar, a poluição proveniente de automóveis caiu mais de 20%.

O comprometimento com o controle da poluição e a melhoria no meio ambiente foram pré-condições para que a China ganhasse o título de sede das XXIX Olimpíadas. Preocupações acerca da qualidade do ar de sedes olímpicas não são novidade. Nas edições realizadas em Los Angeles (1984), Atlanta (1996) e Seul (1988), o COI também emitiu alerta para a melhoria das condições atmosféricas.

Cenário econômico pós-Olimpíadas – Contrariando o perfil econômico das duas últimas sedes dos Jogos (Atenas e Sydney), o PIB de Pequim tem participação pequena em relação ao PIB nacional (representa menos de 4%). Isso significa que ainda que ocorra aumento significativo na economia da cidade após o evento, tal alteração não afetará significativamente o PIB nacional. Portanto, as chances de mudança substancial no cenário econômico chinês são remotas, independentemente do impacto que os Jogos possam causar na capital.

Do ponto de vista econômico, o impacto mais relevante poderá ser no turismo. A China tem como meta ultrapassar, nos próximos 12 anos, Itália, Estados Unidos, Espanha e França no ranking de principais destinos turísticos do mundo. Pequim quer seguir o exemplo de outra sede olímpica, Barcelona, que se consolidou como ponto turístico internacional após os Jogos. É possível que a receita com o turismo represente de 8 a 11% na China, de acordo com o jornal brasileiro Folha de São Paulo.

Mais fundamental do que isso, no entanto, é a meta chinesa de consolidar uma nova imagem junto à comunidade internacional – uma imagem de nação capaz de feitos grandiosos e que, ao mesmo tempo, atende às exigências de qualidade do antigo “primeiro mundo”. Como acontece a cada quatro anos, os Jogos Olímpicos funcionarão como um grande holofote a serviço de observadores do mundo todo, que poderão alterar, tanto para o bem como para o mal, seu imaginário em relação ao país-sede. Os chineses, por sua vez, estão interessados em aproveitar a oportunidade não só para se mostrar como uma economia forte (o que já está consolidado no imaginário ocidental), mas fundamentalmente para aparecer como uma nação desenvolvida, rica culturalmente e extremamente moderna.

Indústria

Mattel anuncia maior *recall* de brinquedos *made in* China da história

A Mattel, maior empresa de brinquedos do mundo, anunciou em agosto *recall* de 19 milhões de brinquedos cujas partes apresentavam riscos aos consumidores. Foi identificada a utilização de chumbo em excesso na pintura de carrinhos, além de ímãs pequenos que se soltavam de bonecas. As falhas foram atribuídas às empresas chinesas responsáveis pela produção de tais brinquedos.

O maior *recall* da história ocorreu em momento delicado para a China, que luta contra a imagem de fabricar produtos de má qualidade. A grande preocupação do governo e de empresários chineses é recuperar a confiança nos produtos nacionais a fim de evitar declínio das exportações. No âmbito doméstico, a questão reavivou as discussões sobre medidas de controle de qualidade dos produtos e sobre quais os melhores meios para combater indústrias clandestinas sem afetar a população que delas sobrevive. Internacionalmente, a notícia do *recall* reanimou o debate sobre quais as melhores medidas a serem tomadas para evitar que episódios similares continuem a ocorrer.

O governo chinês admitiu o problema e a necessidade de aumentar a fiscalização de seus produtos, mas diz haver um exagero por parte da imprensa internacional, dado que tais episódios seriam casos isolados e que não refletiriam a situação geral da indústria chinesa. As autoridades do país temem que a má reputação de seus produtos possa causar redução das exportações da China no longo prazo, gerando impactos negativos sobre sua economia. A própria Mattel importa 65% de seus brinquedos da China, e a perda de um comprador de tal porte causaria diversos problemas.

A China enfrenta sérios problemas com as fábricas clandestinas que comprometem a reputação do produto "Made in China". Tais empresas localizam-se, em sua maioria, em pequenas cidades do interior e, em geral, representam a principal fonte de renda dessas localidades. O desafio fundamental está em compatibilizar os níveis de qualidade exigidos internacionalmente com a necessidade chinesa de gerar emprego em ampla escala. Isso só se tornará uma realidade caso tais indústrias clandestinas passem por um processo de reestruturação profunda (leia-se modernização ou fechamento) conduzida pelo governo chinês, garantindo melhora na qualidade dos produtos sem perda significativa nos níveis de emprego. Se o processo for mal conduzido, há riscos para dois pilares do desenvolvimento chinês – do lado social, o impacto negativo será sobre o emprego, e do lado econômico, do lado das exportações. De antemão, pelo menos, uma coisa sabemos: o governo chinês está atento para o problema.



Três sabores de protecionismo

Artur Kroeber²

A dependência da economia chinesa da demanda externa atinge hoje um patamar sem precedentes nas últimas três décadas. Tal dependência torna a China vulnerável ao protecionismo de mercados-chave, como dos Estados Unidos? De fato, não. Apesar da forte importância do comércio exterior, a economia chinesa é impulsionada, como sempre foi, especialmente por fatores domésticos. Ademais, o protecionismo tradicional, orientado para bens, está paulatinamente se tornando menos comum nas economias avançadas. Este artigo analisa o impacto potencial sobre a China de três variedades de protecionismo: protecionismo tradicional, orientado aos produtores; protecionismo dirigido ao consumidor, gerado por preocupações de ordem de segurança alimentar e qualidade dos produtos; e protecionismo de investimentos. Nossa conclusão é que apenas o protecionismo de investimento tem chances de emergir com força, mas mesmo esta variedade teria, caso ocorresse, efeito limitado sobre a China. O risco real criado pela nova dependência comercial chinesa não se refere ao protecionismo, mas a erros políticos de um governo pouco acostumado a um alto grau de interdependência entre as economias doméstica e global.

Crescimento chinês: feito em casa – Leitores freqüentemente perguntam se protecionismo comercial representa uma ameaça à economia chinesa "orientada à exportação", e sempre dizemos que não, por três motivos. Primeiro, a economia chinesa não é orientada à exportação. Segundo, a demanda pela tradicional proteção a produtores dos países ricos está diminuindo. Terceiro, é difícil imaginar qual o impacto de qualquer legislação protecionista sobre a demanda e a produção chinesas.

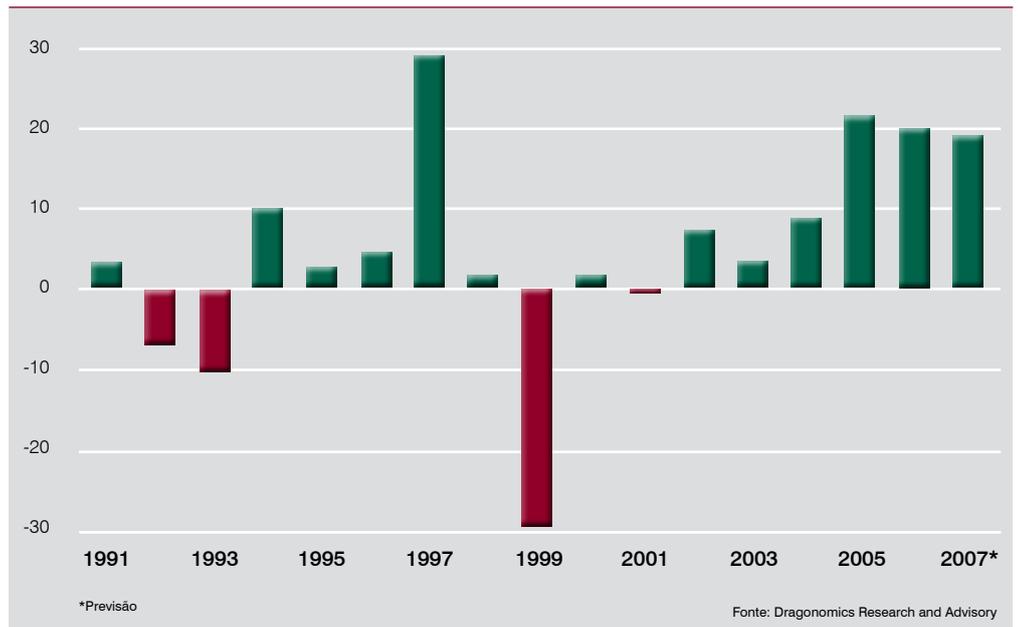
Exportações têm sido claramente importantes para a China, mas por razões majoritariamente indiretas. A migração de fábricas receptoras de investimento estrangeiro para a China desde a década de 1980 resultou em transferência de muita tecnologia e *know-how*, e criou muito emprego. Se as fábricas de exportação fossem todas embora amanhã, a China estaria claramente em apuros. Mas estas fábricas não vão a lugar algum.

Enquanto isso, como o gráfico seguinte demonstra, a contribuição direta do superávit comercial para o crescimento do PIB tem sido modesta. Na maioria dos anos entre 1991 e 2004, variou entre 10% positivos e negativos, isto é, no máximo um ponto de dez do crescimento real do PIB de um ano típico. As grandes exceções, 1997 e 1999, foram aberrações. O ano de 1999 foi o resultado do insustentável *boom* de investimentos do começo dos anos 90, que terminou com uma acentuada contração da liquidez e colapso nas importações. Houve também um efeito exagerado sobre as estatísticas causado pelo contrabando desenfreado, que teve auge em 1997 e fez o superávit comercial aparentar ser maior do que realmente fora. Dois anos depois, em 1999, após grande investigação, as importações clandestinas começaram a aparecer novamente em dados oficiais – em um ano no qual o crescimento das exportações fora particularmente fraco graças à perda de mercado para os países que haviam desvalorizado severamente suas moedas na crise asiática. Essa correção cancelou o superávit gigantesco de dois anos antes, e pelos cinco anos seguintes a contribuição do comércio exterior permaneceu dentro dos parâmetros históricos.

²Arthur Kroeber é editor-chefe da *China Economic Quarterly* e diretor da *Dragonomics Research*

Figura 1

Contribuição das exportações líquidas para o crescimento do PIB – var. (%) anual



Algo novo – O padrão mudou abruptamente em 2005. Desde então, a cada ano as exportações líquidas têm respondido por cerca de 20% do crescimento do PIB – ou dois pontos de cada dez. O maior risco dessa alteração, sob nossa ótica, não se refere às implicações de um ato protecionista estrangeiro, mas à criação de novas possibilidades de erros de política doméstica. Isso será tratado mais extensamente no final do artigo. Por ora, atentemos para a figura 2, que ilustra o crescimento das exportações e importações em contraste com o superávit comercial. Análise atenta mostra que os picos do superávit coincidem com as quedas do crescimento das importações e vice-versa: o superávit comercial encolhe quando o crescimento das importações acelera. A correlação com o crescimento das exportações é consideravelmente mais fraca. A atual explosão do superávit começou em 2005, ano no qual o crescimento das exportações caiu – mas no qual o crescimento das importações caiu ainda mais.

Figura 2

Crescimento de exportações e importações e balanço comercial

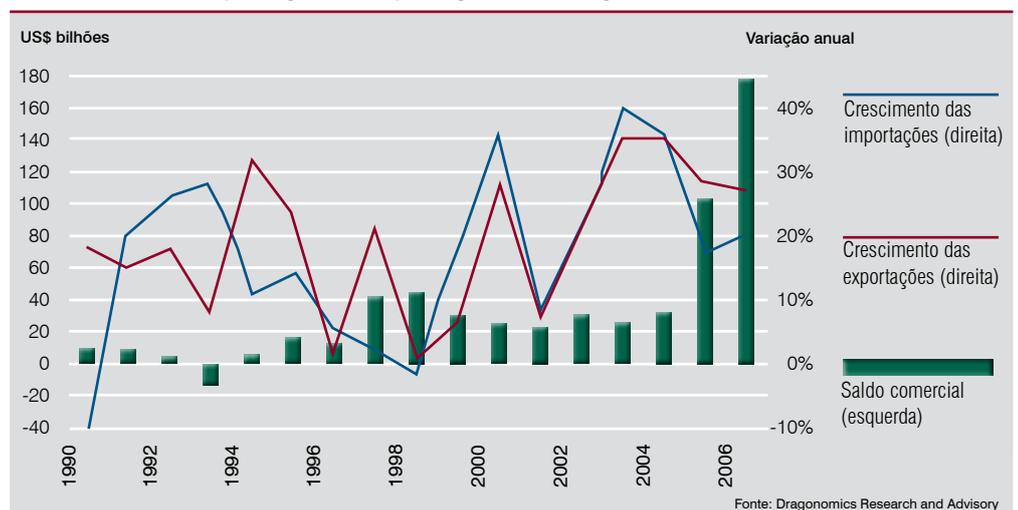
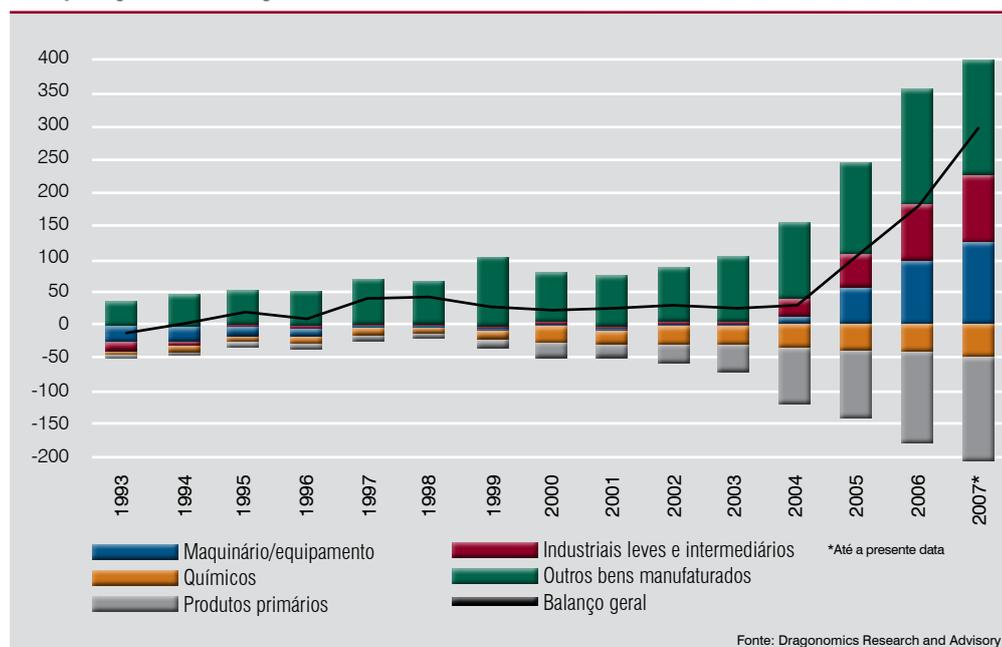


Figura 3

Composição da balança comercial – US\$ bilhões



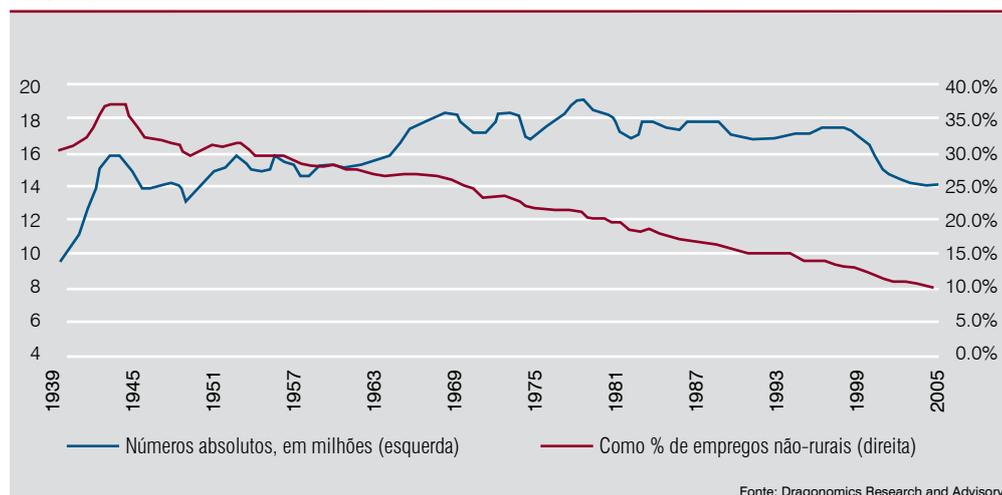
A implicação é óbvia. O superávit comercial chinês é função, muito mais, das variações no crescimento das importações – em função das mudanças na estrutura da demanda doméstica – do que de fatores externos. Os maiores contribuintes ao superávit dos dois últimos anos são intermediários industriais (como aço) e bens de capital, nos dois casos produtos nos quais a China tem desenvolvido extensa capacidade doméstica de substituir importações (ver figura 3). No improvável caso da imposição de tarifas por países ricos, estrangulando as exportações dos excedentes de produtos metalúrgicos e maquinários – improvável porque grande parte dessas exportações tem por destino países de renda baixa e média, não os EUA e Europa –, o que aconteceria? Os produtores chineses menos eficientes seriam tirados do mercado, e as indústrias seriam consolidadas pelos produtores mais eficientes (como a Baosteel). A demanda por estes produtos e o crescimento chinês de maneira mais ampla não seriam afetados.

Não porá a casa abaixo - Em qualquer caso, acreditamos que apesar de todo o soprar e bufar em andamento no Capitólio, medidas sérias de proteção comercial provavelmente não estão por emergir. A razão básica é que não se pode extrair votos disto. Como a figura 4 mostra, o emprego no setor manufatureiro nos Estados Unidos tem declinado, enquanto porção do emprego não-rural, desde o final da Segunda Guerra Mundial em um ritmo regular de aproximadamente quatro pontos percentuais por década. Em termos absolutos, o emprego em manufaturas declinou, um tanto menos regularmente, de um auge de 19 milhões em 1979 para cerca de 14 milhões hoje.

A realidade é tal que a maioria da força de trabalho norte-americana não está exposta ao risco de perda de empregos por competição com a Ásia. Ademais, um grande contingente de empresas americanas está agora bem estabelecido na China e ganhando uma bela quantia de dinheiro lá. Em ambos os sentidos, a situação difere notavelmente da relação entre EUA e Japão no início dos anos 80, quando corporações escleróticas americanas enfrentavam severa pressão de um país cujo mercado elas eram incapazes de penetrar, e quando o número absoluto de empregos em manufatura nos EUA (então equivalente a quase um quarto do emprego total no país) estava apenas começando seu primeiro declínio de longo prazo. Naquele período, havia ganhos políticos significativos a serem extraídos de medidas comerciais contra o Japão; resultados incluíram (praticamente inúteis) restrições quantitativas impostas sobre exportações japonesas e o Acordo Plaza de 1985 para fortalecimento do iene. Hoje, líderes democratas hábeis tentando forjar uma maioria no governo, capaz de manter-se no longo prazo, têm poucos incentivos para apostar seus futuros em protecionismo *old-style*. Populismo protecionista será uma ferramenta eleitoreira útil entre agora e a próxima eleição presidencial, mas não será uma característica da política de governo mesmo sob administração democrata.

Figura 4

Empregos em manufaturas nos EUA – 1939-2006



Os indesejáveis - No segundo trimestre, um ingrediente inesperado foi adicionado ao caldeirão comercial: sustos sobre a segurança de produtos chineses. Produtores chineses têm exportado remédios contaminados com etileno glicol venenoso, ração animal batizada com melanina, e brinquedos cobertos de tinta com altas concentrações de chumbo. Tais eventos colocaram em dúvida a capacidade chinesa de exportar para mercados ricos, o que, na prática, parece improvável. O verdadeiro problema, que já foi reconhecido como tal pelos altos escalões da mídia americana, é o estrangulamento por parte do Governo Bush de agências regulatórias importantes, tais quais a Administração de Alimentos e Drogas (Food and Drug Administration, FDA) e a Comissão de Segurança de Bens de Consumo (Consumer Products Safety Commission, CPSC), tornando impossível para estas o exercício efetivo de supervisão de produtos, quer domésticos quer importados. Melhor monitoramento deve resolver o problema, com pouco impacto no fluxo de mercadorias.

O alarme soado por esta situação é mais significativo por sua dimensão política. Ele marca a China como fonte de perigo, fortalecendo a escola paranóica da "segurança nacional", que mantém a China como uma ameaça econômica, política e militar aos Estados Unidos. Uma possível consequência econômica da emergência dessa escola paranóica é um terceiro sabor de protecionismo: limites ao investimento chinês nos Estados Unidos. Isso poderia se tornar parte de um esforço mais amplo de países ricos voltado à prevenção de fluxos de investimento direto de firmas com origem em países "indesejáveis", tais como China, Rússia e autocracias petrolíferas do Oriente Médio.

A geração de imensos – e aparentemente intermináveis – superávits de conta corrente nestes países "indesejáveis" significa que grandes fluxos de investimento advindos destes para os países ricos são inevitáveis. Sinais de resistência já têm aparecido nos Estados Unidos. Primeiro, em 2005, houve a ácida reação congressional à proposta da estatal petrolífera chinesa CNOOC de aquisição majoritária da Unocal (que foi rejeitada) e da aquisição de ativos portuários por parte da Dubai Ports, por meio da compra da P&O (que resultou no desinvestimento desses ativos). Na semana passada, assistimos a um desenrolar potencialmente negativo desse mesmo tema: a aprovação de legislação fortalecendo o Comitê para Investimento Estrangeiro nos Estados Unidos (CFIUS, na sigla em inglês). O CFIUS, que tem por responsabilidade a avaliação dos impactos de investimentos estrangeiros sobre a segurança nacional do país, foi criado em 1988 em reação à invasão de investimentos japoneses; a maré japonesa recuou pouco depois e o comitê caiu na obscuridade. A nova legislação coloca o comitê de volta à atividade, ampliando seu escopo de atuação de forma a incluir grandes ativos do setor de energia e quaisquer "sistemas e ativos, virtuais ou físicos" considerados vitais à segurança nacional do país. A CFIUS não pode bloquear uma transação, mas pode torná-la tão difícil para as partes que elas podem desistir.

³Consumidores chineses aturam ainda mais indignidades, incluindo sanduíches recheados de cartolina cozida ao invés de porco. Telespectadores que não falam chinês podem assistir à reportagem da CCTV na internet.

Quão resistentes os EUA se provarão aos investimentos dos “indesejáveis” não é certo. Americanos nos anos 80 detestavam a idéia de um *takeover* japonês, mas ficaram contentes, nos anos 90, com a realidade das fábricas de automóveis de controle japonês. A CNOOC foi afastada da Unocal, que não possuía presença no atacado americano; mas a russa Lukoil comprou a petrolífera de segundo nível Getty, e pôs seu nome em todos os antigos postos de gasolina Getty, com nenhuma reação negativa aparente por parte do consumidor. Talvez após uma década, mais ou menos, para se acostumar com a idéia, os americanos consigam aturar investimentos chineses também.

No fim das contas – Para resumir: protecionismos tradicionais relativos a bens têm demanda em erosão nos EUA e não impõem ameaça significativa à economia chinesa. Acreditamos que, salvo alguma diferença, o mesmo é válido também para a Europa. Protecionismo de investimento é um problema mais sério, mas o desenvolvimento de restrições ao fluxo internacional de capitais será lento e a economia da China, que tem por propulsor majoritário a demanda doméstica, não seria necessariamente tão prejudicada. A questão mais importante é que a proteção contra investimentos, precipitada em parte pela emergência da China na economia global poderia levar à adoção de políticas inseqüentes pelos países ricos, desacelerando o crescimento global. Isso é preocupante, mas ainda há tempo de sobra para que o bom senso prevaleça.

Protecionismo não será, portanto, um fator significativo para os próximos três a cinco anos da economia chinesa. Sugerimos que a questão correta a ser levantada pela dependência comercial chinesa não é se isso a torna mais vulnerável a protecionismos, mas se as novas regras do jogo macroeconômico aumentam os riscos de erros por parte do governo chinês. Como notado acima, de 1978 a 2004, tomadores de decisão na política econômica chinesa puderam se dar ao luxo de praticamente ignorar o resto do mundo. Agora, com dois de cada dez pontos do crescimento do PIB advindo da balança comercial, políticas precisam ser mais sensíveis a variações na demanda global. Com um número maior de variáveis e um instrumental macroeconômico moderadamente rudimentar, o risco de erros claramente aumentou.

Até agora os sinais são razoavelmente benignos. Nossas previsões sugerem que, apesar de alta, a dependência sobre a balança comercial está decrescendo lentamente (de 21% do crescimento do PIB em 2005, para 19% no ano de 2007). Esse processo deve ser auxiliado pelas extensas reduções das restituições de impostos sobre valor agregado para exportação, que entraram em funcionamento em primeiro de julho de 2007. Tais reduções – que equivalem a um aumento de impostos sobre a exportação – são dirigidas especialmente à parte menos sustentável do superávit comercial chinês: produtos de aço e ferro de baixo valor agregado, e produtos de baixo preço como têxteis, calçados e plásticos, nos quais a China já perde competitividade de qualquer forma. Outras políticas em andamento são a gradual apreciação do renminbi em relação ao dólar, política monetária levemente mais rígida, e esforços para incentivar o consumo.

Dado um ambiente externo estável, esse coquetel de políticas deve contribuir para, ao longo dos próximos anos, um acréscimo moderado no consumo, uma queda modesta na taxa de investimento e uma desaceleração do crescimento do superávit comercial. A dependência sobre a balança comercial cairá cerca de 10%, e a vulnerabilidade do país a choques externos será reduzida. Um problema poderá surgir, no entanto, se um choque externo (recessão global ou crise financeira) aparecer mais cedo do que tarde, atrapalhando os planos cuidadosos da China. Esta sofreria menos que seus vizinhos asiáticos, que dependem muito mais da demanda externa. Mas tal choque poderia acionar uma reação política exagerada: provavelmente uma expansão monetária excessivamente agressiva e inflacionária para contrabalancear a perda de demanda externa. Nós avaliamos a probabilidade de um erro desse tipo em menos de um em cinco. Mas Pequim ainda há de provar conclusivamente que pode administrar uma economia globalmente integrada tão bem quanto administrou uma economia autárquica.

© Dragonomics Research & Advisory. Esta análise foi preparada a partir de fontes de dados que nós acreditamos serem confiáveis, mas nós não fazemos nenhuma representação de sua precisão ou integridade. Esta análise é publicada apenas para a informação dos clientes da Dragonomics Research & Advisory e não é uma oferta de venda ou compra, nem uma solicitação de oferta para a oferta de compra ou venda de um derivativo. Esta análise não deve ser interpretada como a provisão de investimentos para nenhum estado, país ou jurisdição nas quais esses serviços sejam ilegais. As opiniões e estimativas expressadas nessa análise constituem nosso julgamento dos dados que nos foram apresentados e são sujeitas à mudança sem notificação prévia.

Reprodução autorizada de artigo do *Dragonomics Research & Advisory* (www.dragonomics.net) publicado em 18.07.2007. O conteúdo não reflete necessariamente a posição do CEBC nem de seus associados. Os editores da *Carta da China* traduzem os artigos publicados no convênio CEBC-Dragonomics Research & Advisory sem alteração ao conteúdo original.

Relações bilaterais

Política monetária chinesa gera polêmica no diálogo econômico-estratégico entre China e Estados Unidos

Estabelecido em setembro de 2006, o diálogo econômico-estratégico sino-americano (SED, na sigla em inglês) tem possibilitado discussão entre os dois países em torno de assuntos como política monetária, relação econômica bilateral, liberalização do sistema financeiro chinês, além da ascensão e afirmação do gigante asiático como uma das principais potências econômicas mundiais.

Dando continuidade ao diálogo, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Paulson, fez visita de quatro dias à China no final de julho, na qual se encontrou com o presidente Hu Jintao e a vice-primeira-ministra Wu Yi. A pauta de debates envolveu desde o meio ambiente até a abertura dos mercados financeiros chineses às firmas norte-americanas, a falta de segurança das exportações chinesas e a necessidade do país de reequilibrar seu crescimento. Porém, assim como nas edições anteriores do SED, a polêmica fundamental manteve-se em torno do interesse norte-americano de negociar uma maior flexibilidade da moeda chinesa.

O governo dos Estados Unidos tem sofrido forte pressão do Congresso para que se ajuste o câmbio entre o yuan e o dólar, visto que o setor manufatureiro dos Estados Unidos queixa-se de que o governo chinês mantém sua moeda artificialmente desvalorizada, dificultando a competitividade dos produtos norte-americanos nos mercados estrangeiros. Diversos congressistas norte-americanos vêem no valor baixo do yuan a causa do déficit comercial recorde do seu país com a China, de US\$ 232,5 bilhões em 2006.

Três dias antes da chegada de Paulson a Pequim, o Comitê Financeiro do Senado aprovou a solicitação de medidas antidumping por parte das empresas norte-americanas para compensar perdas causadas pela suposta subvalorização da moeda chinesa, apesar da oposição da administração Bush. Sob a nova legislação, o Tesouro mudará sua forma de buscar indícios de "manipulação de divisas", ao considerar que atitudes de um país, como o acúmulo de reservas para afetar o valor de sua moeda, sejam o suficiente para demonstrar que a divisa está fora de linha com seu valor real de mercado. Neste caso, o Departamento de Comércio teria direito de aumentar as tarifas antidumping até trazer o preço do produto considerado ao que o Tesouro acredite ser seu valor real.

Déficit comercial dos EUA com a China



Apesar de ter recebido críticas do Congresso, Paulson explicou que prefere o diálogo como estratégia, ao invés de recorrer à legislação, e visa convencer os líderes chineses de que uma taxa de câmbio flexível e mercados abertos estariam a favor de seus interesses. A medida implementada para forçar a China a elevar o valor de sua moeda seria "abordagem incorreta", segundo Paulson, e arriscaria provocar reações protecionistas, além de possivelmente violar regras da OMC.

“Paulson não tem feito um bom trabalho, seja em lidar com expectativas em Washington ou em construir metas para o SED, que gerariam claras vitórias que ele poderia levar de volta para casa”, diz Arthur Kroeber, diretor da Dragonomics Research & Advisory. “Ele está basicamente na defensiva no atual momento”.

Não obstante as pressões norte-americanas, o governo chinês acredita que uma apreciação demasiada do yuan poderia ferir a economia do país, e não há sinais de que a China esteja disposta a aceitar as demandas para amenizar o déficit comercial com os Estados Unidos. O ministro de Finanças, Jin Renqing, defendeu a política monetária do governo e afirmou que não cederá às pressões internacionais. Jin acrescentou que a China já está aumentando de forma constante a flexibilidade do yuan. “O maior problema para a China é manter o bom momento de crescimento econômico. As reformas deverão ser graduais e controladas”, disse o ministro. Quando Wu Yi se encontrou com Paulson em Washington, em maio, a vice-primeira-ministra chinesa argumentou que o valor do yuan não seria a principal causa do déficit, visto que 85% do superávit da China com os EUA são provenientes de empresas estrangeiras que se instalaram na China e exportam para os EUA.

A dependência comercial da China perante os EUA tem diminuído nitidamente nos últimos sete anos, de tal forma que, atualmente, menos de 24% das exportações totais chinesas são para os EUA. Muitos analistas afirmam que o governo chinês possui forte poder de barganha, na medida em que poderia reduzir seu vasto estoque de títulos do tesouro norte-americano caso Washington prossiga com suas imposições comerciais que visam forçar a apreciação do yuan. Dois oficiais do Partido Comunista chegaram a dar sinais de tal ameaça, porém “a China obviamente não quer nenhum fenômeno indesejável na ordem financeira global”, explica Xia Bin, chefe de finanças do China’s Development Research Center.

Aquisições

Empresa chinesa compra dois Legacy da Embraer

A petrolífera China Sonangol International comprou da Embraer duas aeronaves executivas modelo Legacy 600. A compra, que deve totalizar cerca de US\$ 50 milhões, foi importante passo para a entrada do modelo no país, que possui apenas um exemplar em circulação. A Embraer possui fábrica de aviões comerciais em Harbin em parceria com a AVIC.

Calçados

Arezzo abrirá 300 lojas na China

A marca brasileira de calçados e acessórios lançou projeto para inauguração de 300 lojas na China até 2016 em parceria com o grupo local Prime Success, proprietário de mais de 3 mil lojas no país. A busca pelo novo mercado foi a solução encontrada pela marca para competir com o aumento da importação de calçados chineses. Atualmente, a China exporta dez vezes mais calçados que o Brasil.

No acordo, a empresa brasileira será responsável pelos produtos (sapatos, bolsas e acessórios) e treinamento de vendedores, enquanto o grupo chinês ficará encarregado do investimento para a abertura das lojas. Inicialmente, a produção continuará sendo feita no Brasil, mas há a possibilidade de abertura de novas fábricas na China. A Arezzo, que possui 11 lojas fora do Brasil, pretende concluir 2007 com cinco empreendimentos abertos em território chinês.

Macroeconomia

Alta de inflação na China preocupa autoridades chinesas

O índice de preços ao consumidor (IPC) na China apresentou alta de 5,6% nos 12 meses até julho, maior índice dos últimos dez anos. O aumento foi impulsionado principalmente pelos preços dos alimentos, mas também pelos custos de mão-de-obra. Segundo declaração de autoridades do Banco Central chinês, a alta dos preços

de carnes e ovos já se transmitiu para outros bens e serviços, e assim o ritmo do IPC deverá manter-se acelerado. A inflação foi a principal causa do aumento na taxa básica de juros, de 6,84% para 7,02% em agosto, pela quarta vez neste ano. O governo afirma que pretende apertar a política monetária ainda mais para impedir o superaquecimento da economia.

Leia mais na
Carta da China 28

A fim de minimizar o impacto social negativo da alta de preços, o governo anunciou que o auxílio mensal concedido a moradores urbanos de baixa renda, um programa que alcança 22 milhões de cidadãos, será elevado para 15 yuans (equivalente a US\$ 1,98). O governo também decidiu dar apoio aos criadores de porcos, visto que parte considerável da atual inflação provém da alta do preço da carne suína. Depois de surto epidêmico causado por vírus que afeta suínos, o preço desse tipo de carne praticamente dobrou nos últimos 12 meses. Autoridades anunciaram que vão direcionar US\$ 151,6 milhões a fim de reduzir os riscos econômicos que envolvem os criadores de porcos, como, por exemplo, por meio de subsídios aos seguros voltados para tal atividade.

Comércio internacional

Argentina adotará restrições a produtos chineses

O presidente da Argentina, Nestor Kirchner, anunciou neste mês a adoção de restrições à importação de uma gama de produtos que compreende têxteis, calçados, brinquedos, ferramentas, bicicletas e outros. O pacote de medidas, que inclui a adoção de licenças não-automáticas de importação, o aumento de tarifas aduaneiras, a imposição de controle de qualidade e regras de origem mais rígidas e outras restrições similares, tem como alvo, especialmente, as importações de mercadorias chinesas. Com isso, o governo tem por intenção reduzir a entrada de produtos chineses no mercado argentino e fortalecer a indústria doméstica.

Leia mais na
Carta da China 19

Outro potencial beneficiário é o Brasil. Alguns dos setores a serem afetados pelas novas restrições são justamente aqueles nos quais o Brasil perdeu fatias de mercado para a China entre 2002 e 2006. As restrições sobre a entrada de bens terão impacto acentuado sobre os produtos advindos da China e de outros países em situação similar, mas terão impacto reduzido sobre os produtos brasileiros por conta de seu acesso privilegiado dentro do regime comercial do Mercosul. Dessa forma, se bem aproveitada pela indústria brasileira, essa pode se tornar uma chance de reconquistar parcelas relevantes do mercado argentino.

Negócios

Empresa brasileira utiliza trilhos chineses

A empresa brasileira ALL (América Latina Logística do Brasil S.A.) anunciou ter feito encomenda de dois lotes de trilhos chineses, de 10 e 22 mil toneladas, respectivamente. O primeiro lote começou a ser entregue no final de junho e o segundo deve chegar entre setembro e novembro. Devido à falta de fabricantes do material no Brasil, a empresa optou por adquirir trilhos chineses. Os trilhos serão utilizados em trechos da Ferronorte, no Mato Grosso.

Mercado financeiro

Instituições chinesas recebem mais incentivos para investir no exterior

Após iniciar a concessão de licenças para investimento no exterior a diversos tipos de instituições financeiras, o governo chinês continua a atenuar restrições. Em julho, foi ampliado o programa que concede permissão a empresas para atuarem como investidores institucionais nacionais qualificados (QDII, na sigla em inglês), e assim diversificarem suas carteiras por meio de títulos estrangeiros.

Leia mais na
Carta da China 29

A China International Capital Corporation, que firmou *joint-venture* com a norte-americana Morgan Stanley, tornou-se a primeira agência corretora do país a ser aprovada como QDII. Seguradoras, que antes só podiam investir 5% de seus ativos em ações e títulos estrangeiros, apresentaram incremento nos lucros quando a taxa passou para 15%. Não era permitido a uma empresa chinesa ter estoque de divisas

estrangeiras superior a 80% do seu lucro referente ao ano fiscal anterior, ou a 50% de seus gastos, porém agora tais limites foram abandonados por meio de medida aprovada pela Administração Estatal de Câmbio. Além de garantir maior presença da China no mercado financeiro global, tais medidas atendem ao desejo do governo chinês de desaquecer a economia e gerar destinos rentáveis para as reservas internacionais, que já atingem US\$ 1,33 trilhão.

Energia

China substitui álcool à base de milho

Devido ao aumento na demanda e no preço do grão no mercado, a China anunciou em julho o fim da produção de álcool à base de milho. O aumento foi de 3% em 2006 em relação ao ano anterior. O terceiro maior produtor de álcool do mundo quer evitar a escassez do grão na cesta de alimentos da população. De acordo com a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC, em inglês), as mudanças não envolvem qualquer tipo de complicação ou alto custo. Batata doce, mandioca e sorgo (quinto cereal mais importante do mundo, utilizado na produção de farinha para panificação) seriam alguns dos possíveis substitutos ao milho.

A China pretende dobrar a sua capacidade de processar álcool nos próximos três anos, com meta de chegar a 2 milhões de toneladas ao ano. Usinas produtoras do combustível terão prazo de cinco anos para se adaptar.

Comércio internacional

Estados Unidos requerem abritragem em caso de pirataria chinesa

Após fracasso das consultas multilaterais, os Estados Unidos solicitaram abertura de painel na Organização Mundial do Comércio (OMC) para julgar litígio iniciado em abril deste ano referente à proteção de direitos de propriedade intelectual. Os Estados Unidos afirmam que o desrespeito à propriedade intelectual na China é incompatível com as disposições do TRIPS, acordo que rege esse tema na OMC.

A China lamentou o pleito norte-americano, que será avaliado em 31 de agosto pela organização. Caso aprovado, o painel entrará em processo de deliberação, que costuma demorar mais de um ano até a emissão de parecer final. O objetivo dos Estados Unidos em prestar a queixa é, no entanto, mais imediato: pressionar a China a flexibilizar sua posição sobre a mesma questão em outros foros, tais como o diálogo econômico-estratégico sino-americano.

Siderurgia

Produção de aço cresce na China

Apesar da fragmentação do setor, a produção de aço chinesa aumentou 18% no primeiro semestre de 2007, chegando a 237,6 milhões de toneladas. A China é a maior produtora do mundo de aço. Em seu último relatório, a agência Fitch Ratings recomendou ao governo chinês que incentivasse as siderúrgicas do país a aumentar sua influência no mercado internacional.

O debate em voga na China é sobre qual a melhor forma de conduzir a produção de aço no país. O medo de incorporação por grandes empresas fez com que pequenos e médios empresários aumentassem em 30% sua produção desde 2006 até o período atual. Há uma discordância entre as autoridades federais e locais no que tange à fusão dessas empresas. De um lado, o governo chinês acredita que a união das empresas locais as torna mais competitivas no mercado internacional. De outro, as autoridades locais temem a absorção das empresas menores pelas grandes, preferindo que se formem "alianças estratégicas" entre elas que não impliquem na venda de ativos e capital.

Telecomunicações

China e Venezuela firmam parceria na produção de celulares

A chinesa Huawei Technologies e a Telecom Venezuela estabeleceram *joint-venture*

para produção de mais de dois milhões de telefones celulares. Os aparelhos, que serão produzidos a partir de 2008, chegarão ao mercado venezuelano a preços baixos. O acordo, que tem origem na visita do presidente Chávez à China, é parte de uma parceria mais ampla na área de telecomunicações e de uma aproximação política e econômica considerada estratégica pela Venezuela.

Aviação

Aviação civil na China cresce mais rápido do que infra-estrutura

O setor de aviação civil na China tem crescido em ritmo superior à capacidade nacional de gerar infra-estrutura, regulação e segurança necessárias a uma operação saudável. A opinião é de especialistas chineses e agências reguladoras, como a Administração de Aviação Civil da China.

A frota da aviação civil mais que dobrou nos últimos dez anos, e a demanda do setor cresceu 15%, para aproximadamente 86 milhões de passageiros no primeiro semestre de 2007. Os lucros das companhias aéreas foram às alturas.

O respeitável histórico de segurança do país em função do pequeno número de acidentes por horas de voo poderá ser ameaçado pelo crescente congestionamento do tráfego aéreo e pela saturação da estrutura aeroportuária. A rota mais procurada é o trajeto Pequim-Xangai, que a partir de agosto contará com ponte aérea.

Corte de vôos, limitações ao número de horas de voo da tripulação, assim como outras medidas anunciadas em 15 de agosto, podem aliviar certas pressões no curto prazo, mas não são compatíveis com o ritmo de crescimento da demanda. As Olimpíadas de 2008, sediadas em Pequim, serão um teste às condições do setor.

Logística

Crescimento chinês afeta custos mundiais do transporte marítimo

O custo do transporte marítimo de matérias-primas como carvão, minério de ferro e cereais tem se elevado rapidamente nos últimos anos, impulsionado em especial pela forte demanda chinesa. O crescimento anual do indicador toneladas-milhas, que mede o peso das *commodities* transportadas e a distância percorrida, saltou da média histórica de 2,5% para 6%. Analistas apontam a China como uma das possíveis explicações do fenômeno. Há uma década, o Brasil exportava 5 milhões de toneladas de minério de ferro para a China. Atualmente, já são quase 80 milhões.

Energia

China investe em programa de desenvolvimento de energia atômica

O governo chinês assinou em julho contrato de US\$ 8 bilhões com a Westinghouse Electric para a construção de quatro reatores nucleares no leste do país. A construção do primeiro reator deve começar em 2009, com conclusão prevista para 2013, ao passo que outros três deverão estar prontos até 2015. A tecnologia, a mesma usada em cerca de metade das usinas nucleares em operação no mundo, seria a mais segura e avançada, segundo a Westinghouse.

A empresa, baseada nos Estados Unidos, mas cujo controle majoritário pertence à japonesa Toshiba, divulgou que o contrato geraria 5 mil novos empregos nos EUA. Em um momento em que congressistas e empresários norte-americanos apontam a subvalorização do yuan como uma das causas da perda de empregos nos Estados Unidos, esse pode ser um dado politicamente relevante. Além deste contrato, Pequim já fez pré-acordos avaliados em US\$ 5 bilhões com a estatal francesa Areva para a construção de mais dois outros reatores, no sul do país. Há ainda possibilidade de negociações com a Rússia para construção de usina pela Atom-StroyExport.

A energia nuclear é a terceira mais importante fonte de eletricidade na China, após a térmica e hídrica. Os chineses estimam que necessitarão dobrar sua capacidade de produção energética a cada dez anos para acompanhar o aumento da demanda. O programa nuclear pretende construir 30 novos reatores nos próximos 15 anos, a princípio com ajuda estrangeira. Contudo, o governo chinês almeja também desenvolver tecnologia própria a fim de reduzir a dependência do país em relação ao carvão e ao petróleo, e possivelmente tornar-se exportador.

Energia

Importações chinesas de petróleo crescem 39% em julho

A demanda chinesa por petróleo e gás natural continua crescendo em ritmo acelerado. Apenas em julho, chineses importaram 103,8 milhões de barris de petróleo, aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano passado. Durante décadas, a China foi capaz de suprir sua própria demanda energética, até se tornar importador líquido nos anos 90 e atualmente ser o segundo maior consumidor de petróleo (e energia em geral) do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Em 2006, importações de petróleo pelo país subiram 20%, e representaram 47% de todo o petróleo consumido na China.

A China National Petroleum Corporation, maior produtor chinês do combustível e cujas ações majoritárias pertencem à PetroChina, assinou dois acordos para adquirir gás natural do Turcomenistão. O ex-integrante da União Soviética irá exportar para a China anualmente 30 bilhões de metros cúbicos de gás natural, durante 30 anos, que será transportado através de gasoduto a ser construído sob contrato negociado em abril do ano passado. Estima-se que o gasoduto possa custar mais de US\$ 10 bilhões.

A Singapore Petroleum Company irá explorar petróleo e gás natural juntamente com a China National Offshore Oil Corporation, maior produtora chinesa *offshore*, na região do Mar da China Meridional.

Barreiras comerciais

Empresa chinesa abre ação judicial contra União Européia

A empresa chinesa Huahe Hardware Company abriu processo judicial contra a União Européia devido a tarifas antidumping impostas pelo bloco. A ação foi aceita pela corte européia em primeira instância. A Comissão da União Européia realizou, em 2005, investigação antidumping contra a exportadora de tábuas de passar roupas e negou que a empresa operasse em condições regulares de mercado. A imposição de tarifa antidumping de 25% foi efetivada ao fim do mesmo ano após descobrir que o sistema financeiro da empresa não condizia com os padrões internacionais. Em fevereiro, a União Européia cortou a tarifa de antidumping para 3,1% ao entender que a Huahe operaria em condições regulares de mercado. Contudo, após um mês as decisões tomadas foram revogadas e a tarifa atingiu 26,5%.

Governo chinês

Eleitos mais de dois mil delegados para o 17º Congresso Nacional do Partido Comunista

Foi divulgada a listagem dos delegados eleitos para o 17º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, agendado para outubro deste ano. Foram eleitos 2.217 representantes de vários setores da sociedade. O governo tem ressaltado que a percentagem de eleitos advindos de camadas de base da população chega a 28,4% dos delegados, e que houve acréscimo na participação de mulheres, minorias étnicas, jovens e idosos em relação ao último Congresso, realizado em 2002.

Telecomunicações

Lucro da China Mobile cresce no segundo trimestre de 2007

A empresa de telefonia China Mobile fechou o segundo trimestre de 2007 com au-

mento de 29% de sua receita líquida. Esta foi de US\$ 20,3 bilhões de yuans (US\$ 20 bilhões), tendo sido de 15,8 bilhões de yuans no mesmo período de 2006. O bom resultado advém do número recorde de usuários, em especial em áreas rurais, onde a população de baixa renda foi favorecida por impostos reduzidos. Os chineses residentes no interior representam a maior parte da população do país. Movida pela quantidade de possíveis usuários e pela pouca concorrência, a China Mobile passou a atrair a população de pequenas cidades e vilas, oferecendo-lhes bons serviços e preços competitivos.

Automóveis

Joint-venture entre Dongfeng Motors e Kia Motors abre nova sede

A Dongfeng Yueda Kia Motors iniciará produção de veículos na província de Jiangsu, em outubro. A sede, avaliada em cerca de US\$ 900 milhões, será responsável pelo aumento na capacidade produtiva da *joint-venture*, que passará de 130 mil a 430 mil unidades ao ano. A empresa foi criada em 2002, como fruto da fusão entre a chinesa Dongfeng Motors e a sul-coreana Kia Motors. O novo endereço é a segunda filial da *joint-venture*.

Pirataria

FBI e Ministério de Segurança Pública chinês empreendem ação conjunta contra pirataria

O Bureau Federal de Investigação norte-americano, o FBI, executou em parceria com o Departamento de Investigação de Crimes Econômicos (ECID, em inglês) do Ministério de Segurança Pública da China, uma série de apreensões de produtos e softwares piratas, bem como prisões de contraventores em ambos os países. Os produtos, em grande parte das marcas Microsoft e Symantec, foram avaliados em mais de US\$ 500 milhões. As autoridades responsáveis afirmam ter identificado produtores e distribuidores em Xangai e Shenzhen, e distribuidores localizados nos Estados Unidos.

As apreensões são o primeiro grande resultado da operação de codinome "Solstício de Verão", que data de 2005 e compreende diversas investigações em andamento. A operação é parte de um esforço de cooperação de longo prazo que envolve o Grupo de Trabalho para Punição de Crimes de Propriedade Intelectual (IP Criminal Enforcement Working Group) do Grupo Conjunto EUA-China para Aplicação de Leis Criminais (U.S.-China Joint Liaison Group for Law Enforcement).

Forças armadas

Exército chinês comemora 80 anos de existência

O Exército de Libertação Popular da China comemorou 80 anos de atividade, iniciados em 1º de agosto de 1927, quando da insurreição comunista em Nanchang contra as forças do Partido Nacionalista (Kuomintang). As comemorações foram marcadas pela tradicional reafirmação da lealdade do Exército ao Partido Comunista. Ainda que tais reafirmações revelem a centralidade das relações civil-militares no país, elas escondem processo em curso desde meados da década de 80: a relação mais estreita entre Estado (e não o Partido) e Forças Armadas.

A vitória do comunismo sobre o Kuomintang durante a guerra civil chinesa, a atuação durante a turbulenta Revolução Cultural, a repressão dos movimentos democráticos de 1989 e, nos últimos anos, a garantia da ordem, da unidade nacional e, acima de tudo, do regime comunista, foram atribuições fundamentais do Exército Vermelho. O elo entre Exército e Partido era inquestionável. No entanto, alguns analistas, como o Dr. Andrew Scobell do Strategic Studies Institute, apontam para uma nova tendência em curso visível desde a promulgação da Constituição de 1982 e, de forma mais acentuada, dos acontecimentos de Tiananmen. Esta tendência seria de transferência gradual da lealdade das Forças Armadas ao Estado e à sociedade, o que alguns se referem como *guojiahua* (nacionalização ou estatização) do Exército.

Em primeiro momento, foi estabelecida a dependência orçamentária do exército em relação ao Congresso Nacional do Povo, órgão que, de acordo com o artigo 62 da Constituição, possui poder de aprovar o orçamento para Defesa. Esta dependência foi extenuada em 1998 em virtude do desinvestimento dos empreendimentos comerciais do exército. Neste sentido, a abertura da indústria de defesa para investimentos privados, anunciada em agosto deste ano, tem potencial para se tornar um marco no relacionamento entre exército e sociedade civil. Por outro lado, os esforços recentes do Partido Comunista e as promessas de modernização e aumentos futuros no orçamento militar podem ser compreendidos, em parte, como barganha pela aquiescência do Exército, parte da estratégia de consolidação do poder de Hu Jintao.

Automóveis

Chery fecha acordo com empresa iraniana e firma canadense

A montadora chinesa Chery, a prestadora de serviços de engenharia canadense Solitac e a montadora iraniana Iran Khodro anunciaram acordo de US\$ 370 milhões para produção do compacto QQ6 da Chery no Irã. O objetivo é fabricar 200 mil automóveis por ano a partir de 2008. A *joint-venture* é formada por participação de 49% da Kohdro, 30% da Chery e 21% da Solitac.

Organismos internacionais

Organização de cooperação estratégica reúne-se no Quirguistão

A Organização de Cooperação de Xangai (SCO, na sigla em inglês), composta por China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, iniciou sua sétima reunião de cúpula em Bishkek, capital do Quirguistão, em 16 de agosto. Irã, Índia, Paquistão e Afeganistão participaram como observadores. O país presidido por Mahmoud Ahmadinejad participou pela primeira vez das discussões, dando margem ao debate sobre uma possível adesão deste à Organização. Estavam presentes como convidados especiais Lynn Pascoe (vice-secretário geral da ONU) e o presidente do Turcomenistão, Kurbanduli Berdimukhammedov. O encontro teve como pauta principal questões que envolvem a segurança dos membros e mecanismos para fortalecer a SCO.

A promoção de uma região mais segura foi o principal debate da sétima reunião de cúpula da SCO. As discussões envolveram terrorismo, extremismo, separatismo, tráfico de drogas e de armas. Buscando solucionar tais questões, a China já havia assinado bilateralmente um acordo de amizade e cooperação com cada um dos países da Organização. A idéia é que um acordo similar possa ser firmado entre todos os países da SCO. Quanto à concessão do status de membro permanente ao Irã, há algumas divergências. Apesar de o país estar se firmando como importante parceiro comercial de Rússia e China, permitir sua adesão desagradaria os Estados Unidos, colocando em posição delicada os membros da Organização.

Comércio internacional

China anuncia novos limites ao "comércio de processamento"

O governo chinês anunciou medidas para conter a produção e exportação em indústrias de processamento intensivas em mão-de-obra. Tais indústrias são responsáveis por quase metade das importações e exportações chinesas e, por isso, o governo entendeu ser necessária a implementação de medidas que visem ao controle das mesmas. As medidas atuarão no sentido de conter o superávit comercial do país, que bateu recorde de US\$ 112,5 bilhões no primeiro semestre de 2007, e acelerar as transformações na composição da pauta de exportação chinesa. Ademais, tal plano possui o intuito, segundo o governo, de diminuir as disparidades entre as regiões do país, uma vez que estarão isentas de tais medidas empresas que migrarem para o oeste chinês.

Os fabricantes desses mais de 1.800 produtos manufaturados – dentre os quais se destacam plástico, artigos de couro, metais e outros – deverão efetuar depósitos no Bank of China, além de registrar contratos de suas importações e exportações junto às autoridades competentes. As medidas aumentam os custos de transação e reduzem a capacidade de escoamento, implicando em perdas significativas a estes produtores.

Leia mais na
Carta da China 29

O governo chinês espera com isto reduzir a intensidade de mão-de-obra empregada nessas indústrias, redirecionando investimentos ao uso de capital fixo. Contudo, pode-se considerar tal expectativa improvável, à medida que investimentos no alongamento do processo produtivo – maior agregação de valor e aplicação tecnológica – são contingentes à disponibilidade de capital no curto e longo prazo, assim como às perspectivas de lucratividade no setor, ambas afetadas negativamente pela política proposta.

Carta da China

A **Carta da China** é publicada mensalmente pela secretaria executiva do Conselho Empresarial Brasil-China. Os artigos publicados não necessariamente refletem a opinião do CEBC nem de seus associados. A escolha de artigos analíticos, de matérias comentadas e de resumos de notícias é de responsabilidade da secretaria executiva do CEBC.

A **Carta da China** é distribuída a associados do Conselho Empresarial Brasil-China e a destinatários recomendados por associados.

Editores

Rodrigo Tavares Maciel

Isabela Nogueira

Vivian Alt

Marla Naumann

Zaira Lanna

Estagiários: Ana Luiza do Carmo, Dani Nedal e Estêvão Salles

Projeto gráfico

Casa do Cliente Comunicação 360º – www.casadocliente.com.br

Atendimento ao leitor

cebc@cebc.org.br

Edições anteriores